

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

154

INSCRIÇÕES 614-616



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE PLACA ROMANA
EM CASTANHEIRA DO RIBATEJO
(*Conventus Scallabitanus*)

Fragmento de laje de lioz com parte de uma inscrição romana, que foi localizado, em Dezembro de 2016, no adro da igreja quinhentista de São Bartolomeu, no centro histórico de Castanheira do Ribatejo, no âmbito da realização da Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira.¹

Preserva-se em redor dessa igreja interessante e curioso acervo lapidar de época moderna, epígrafes datadas dos séculos XVI e XVII provenientes do antigo Convento de Nossa Senhora de Suberra, ali colocadas na sequência da sua demolição nos anos 80 do século passado. Era convento de freiras clarissas, fundado, em inícios do século XVI, por D. Fernando de Ataíde, Senhor de Povos, Castanheira e Cheleiros, e por sua mulher, D. Leonor de Noronha. Lino de Macedo oferece-nos uma vívida descrição desse espaço monástico e do seu inclemente abandono a partir de finais do século XIX.²

Em princípios do século XX, o Mosteiro de Nossa

¹ PIMENTA, João, e MENDES, Henrique, *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira, 2016, p. 236.

² MACEDO, Lino de, *Antiguidades do Moderno Concelho de Vila Franca de Xira*, Coleção Património Local, Museu Municipal de Vila Franca de Xira, 2, 1992, p. 265-285.

Senhora de Subserra apresentava ainda impressionantes ruínas, documentadas nas fotografias que acompanham o artigo de Nogueira de Brito, de 1912, sobre este espaço conventual.³ O que restava foi demolido, em 1985, pela EPAL, no âmbito do reforço do sistema de abastecimento de água a Lisboa.

Não deixa de ser importante referir também que terá sido deste espaço conventual que proveio o célebre sarcófago das Vindimas ou de Vila Franca de Xira, que ora se preserva no Museu Nacional de Arqueologia. Igualmente não podemos deixar de mencionar que recentes escavações arqueológicas realizadas nas imediações levaram à descoberta do que foi interpretado como significativos restos de uma *villa* romana.⁴

O arranjo actual do adro concretizou-se em finais da década de 80, tendo havido o cuidado – como noutros lugares acontece – de se colocarem no pavimento as epígrafes dos notáveis que estavam sepultados no convento; por isso, tudo o que era pedras com letras foi reutilizado (FIG. 1) e até é bem possível que a laje com a inscrição romana já tivesse servido para pavimentar alguma das zonas conventuais. Na verdade, apresenta o negativo do encaixe, possivelmente, de uma trave de madeira, orifício que foi colmatado com uma tijoleira. É provável, por outro lado, que – no momento da colocação – a placa se tenha partido e houve, por isso, a intenção de procurar juntar as duas partes em que a inscrição se dividira.

Não se consegue, naturalmente, saber a espessura original (nem mesmo a actual) da laje, que tem de largura máxima 40 cm e 70 de comprimento, no conjunto. As letras são regulares e medem 5,5 cm.

³ BRITO, Nogueira de, «O Mosteiro da Subserra da Castanheira: Ligeiras notas sobre a sua fundação. Inscrições tumulares. Pormenores históricos. Considerações críticas», separata do *Boletim da Associação dos Archeólogos Portugueses*, Lisboa, 1912. [Este ensaio foi publicado em vários números do boletim, desde Janeiro de 1911 e, por isso, terminada a série, foi feita a respectiva separata].

⁴ BATALHA, Luísa; CANINAS, João Carlos; CARDOSO, Guilherme; MONTEIRO, Mário (coord.), *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*, EPAL (Lisboa) / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2009.

Lê-se, sem dificuldade, C // IVLIVS (*hedera*) (FIG. 2), em caracteres bem desenhados, usando goiva (FIG. 3), a denunciar aproximação com a capital quadrada do início do Império, o que, aliás, não é de admirar, por estarmos perante um C(*aius*) IVLIVS, antroponímia relacionável com a casa imperial de Augusto. Atente-se na simetria do V e do S; a hera, de limbo triangular, tem pecíolo breve encurvado para trás. O requinte com que as serifas rematam os vértices denuncia a possível pré-existência de linhas de pauta.

O facto de, durante séculos, ter sido desgastada com as muitas caminhadas que as Irmãs Clarissas por cima dela certamente fizeram, contribuiu eficazmente para que o resto da epígrafe haja desaparecido por completo. É certo que, por vezes, olhar um pouco mais ‘inquisidor’ quer ver algo mais na parte inferior da única linha visível; mas trata-se, na verdade, de pura ilusão e nem vale a pena especular. Estamos, mui provavelmente, perante o início de um epitáfio romano, faltando o que é normal nessa época: o possível *cognomen* do defunto, a idade com que faleceu e a informação de quem lhe terá mandado lavar o epitáfio.

Algo, porém, se poderá acrescentar: tão singela epígrafe constitui mais um elemento a mostrar a pujança da *villa* de Subserra logo nos primórdios da ocupação romana, na sequência do que, de resto, já se conhecia da sua prosperidade na Idade do Ferro e, até, na época dos Fenícios.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOÃO PIMENTA



1



2



3

615